

De volta ao formigueiro humano

20 mil garimpeiros já retornaram à Serra Pelada, na esperança de encontrar mais 6 toneladas de ouro

LUIZ SALGADO RIBEIRO
Enviado Especial

Depois de produzir mais de 13 toneladas de ouro, nos anos de 80 e 81, e de ter permanecido fechado desde outubro, o garimpo de Serra Pelada — em plena selva do Pará — está reaberto desde a semana passada. É uma cratera — com mais de 300 metros de diâmetro, por quase 100 de profundidade — aberta à custa de muito suor e algum sangue no cabo de pás e picaretas, ou sob sacos de 20 a 40 quilos de terras e pedras, que têm de ser transportadas nas costas dos garimpeiros para serem jogadas nas bordas desse descomunal formigueiro humano.

Todos estão certos de que dessas entra-lhas do solo poderão ser arrancadas mais 6 toneladas de ouro ainda este ano. Por isso, há um frenesi de cavar por todos os lados. O garimpo parece um fantástico cassino, onde mais de 30 mil homens vão continuar apostando suas vidas na esperança de um "bamburro", palavra que, para eles, tanto pode significar a definitiva independência econômica como uma grande farrá com muita mulher e cachaca.

Mas não é só isso. A faraônica cratera serve também como um caldeirão, aquecido pela febre do ouro, onde fervem pretensões políticas-eleitorais, interesses econômicos — ao mesmo tempo — se procura abafar a aguda crise social dos lavadores sem terra, dos posseiros desalojados pelos grandes projetos pecuários e dos retirantes da seca do Nordeste.

QUANTOS MORRERAM?

Ninguém sabe precisar quantos garimpeiros morreram nos desmoronamentos de barrancos, que acabaram causando a interdição do garimpo. Os cálculos vão de 12 a mais de 60 mortos e ninguém nem imagina quantos feridos ficaram permanentemente inválidos.

Tomados pela ânsia de uma fortuna fácil, os garimpeiros não se preocupam em saber quantos deles pagaram com a vida o sonho do "bamburro". Têm sempre memória melhor para citar as grandes pedras que foram encontradas à flor da terra, ou os quilos e quilos de ouro arrancados do fundo da serra, do que para lembrar os acidentes fatais.

“Pelas minhas contas morreram uns cinquenta. Mas isso até que é muito pouco para um número de gente que tem aqui e pelo perigo que era esse garimpo no ano passado. Em garimpo muito menor eu já vi morrer mais gente em briga por mulher e cachaca do que não tem por aqui. Serra Pelada agora tá uma beleza e eu não saio daqui sem tirar uns quilinhos de ouro” — sustenta o cearense José Dutra Matias, 46 anos, que fugiu da seca há mais de 10 anos e, desde então, vem trabalhando em garimpos do Pará. Sempre com muita esperança e pouca sorte, ele conta que no ano passado, em companhia de mais dez pedras, cavou um “barranco de mais de cem palmos, sem encontrar nem um grãozinho de ouro. Meu patrão gastou mais de 8 milhões de cruzeiros e não recuperou um tostão. Nós ganhamos só o bagerê (comida) que ele pagou pra gente”.

Paulo Afonso Meneses, 38 anos, baiano de Paratinga, tem uma história bem mais feliz. No ano passado, deixou uma frente de obras da Sudene sertão do Nordeste, onde ganhava “uns três ou quatro mil cruzeiros por mês”, e veio para Serra Pelada. Começou achando uma pepita de 220 gramas e terminou a exploração de seu “barranco” com mais de dois quilos de ouro. Isso lhe rendeu quase três milhões de cruzeiros. Voltou para a Bahia e comprou uma boa casa para a família e agora está novamente cavocando o chão de Serra Pelada: “Ainda vai achar ouro de deixar o povo en-cabulado” — afirma Paulo Afonso.

“OURO PRA QUEM JÁ TEM?”

“Não é que o pobre não tenha jeito de emburrar. Mas o grosso do ouro é pra quem já tem muito” — assim o pernambucano Avelino Santana define as regras do jogo não só de Serra Pelada, mas de qualquer outro garimpo. Ninguém tem condições de explorar sozinho um “barranco” ou uma cata, que raramente tem mais de 20 metros quadrados e dá serviço para mais de dez pessoas.

O primeiro lance do jogo é conseguir o “barranco”, isto é, o lugar onde se vai cavar para procurar o ouro. Os primeiros foram conquistados pelos pioneiros de Serra Pelada (antes da intervenção federal) e chegaram a medir 5 por 7 metros. Os outros — a grande maioria das 1.280 catas registradas no escritório do Departamento Nacional de Produção Mineral em Serra Pelada — foram distribuídos por sorteio e medem apenas 3 metros por 2.

Obtida essa pequena área para exploração — bem demarcada e religiosamente respeitada — o dono dela vai precisar de uns dez homens para cavar ali um buraco que pode chegar a ter mais de 20 metros de profundidade, até encontrar a “lagrésia”, isto é, a camada mais densa de cascalho, onde o ouro “aparece fagulhando”, em pepitas ou pequenínimos grãos. Todo o entulho ou “monteira” retirado do buraco precisa ser jogado fora da gigantesca cratera e não há caminhos nem pás carregadeiras para fazer o transporte.

“Tudo tem de sair no melexete”, o saco de lamas, pedras e terras que é transportado nas costas dos garimpeiros, conforme explica Avelino. Eles fazem de 40 a 60 viagens por dia, em um percurso que varia de 200 a 400 metros pelas rampas internas da cratera.

É aí que é preciso muito dinheiro. Essa escavação pode demorar até mais de seis meses. Para pagar o trabalho do seu pessoal, o dono do “barranco” pode usar dois sistemas diferentes: o de diaristas e o de “meia praça”. Pelo primeiro, ele paga de mil a 1.500 cruzeiros por dia para cada um dos homens, sem se obrigar a dar a eles a alimentação ou participação no ouro achado.

Pelo sistema de “meia praça”, o dono da cata fornece alimentação aos seus trabalhadores e, depois, divide com eles metade do ouro que for encontrado. Se não encontrar nada, não paga nada. Ambos os sistemas obrigam o dono da cata a bancar um jogo muito alto. É preciso um bom capital para não acabar “blefado”, isto é, falido.

É justamente com os “blefados” que os capitalistas conseguem ganhar ainda muito mais dinheiro. Como o médico paulista Osvaldo Renzo Filho, que em companhia de mais três sócios já conseguiu mais de uma tonelada e meia de ouro, em menos de dois anos, de Serra Pelada.

O “ex-advogado” paraense Milton Gatti — que hoje se orgulha de declarar a profissão de garimpeiro, quando se hospeda em hotéis de cinco estrelas nos principais centros de turismo do País — também seguiu a receita do médico e só não diz quanto ganhou de medo da Receita Federal. Gatti tem quase 300 homens trabalhando para ele, mas apenas um “barranco” está em seu nome. Ele explica como foi assumindo as outras catas:

“Tem muito garimpeiro sem visão nenhuma. O que ele ganha hoje torra amanhã no primeiro bordel que encontrar. Assim, eles não juntam dinheiro e não podem bancar o jogo. Começam a abertura de um barranco e, no meio da escavação, já não têm mais como sustentar os peões. Quando ficam blefados, é fácil para quem tem capital se associar a eles na base do ‘meia praça’ — conta o falante “ex-advogado” de 30 e poucos anos, para quem “esse sistema é o melhor, no sentido de socializar as riquezas do garimpo”.



Ào amanhecer, a cratera de 300 metros de diâmetro por quase 100 de profundidade já está repleta de garimpeiros.

“No ano passado era muito mais pesado”

“Sai da frente furão, sai da frente furão! Olha, que eu passo por cima de vocês!” — gritando sem parar, a passos largos — quase em uma carreira —, abrindo caminho em meio à cerrada procissão de milhares de garimpeiros arcados sob os “melexetes”, lá vai o “Carga Pesada”, um incrível Hulk de pele bem preta e sotaque nordestino. Ele não pára para dizer seu nome, nem de onde veio, nem para quem trabalha. E não há quem o acompanhe nas íngremes rampas que vão desde o fundo até as bordas da cratera.

“Carga Pesada” é o mais notável entre os vinte mil homens que fazem o “trabalho de formiga” em Serra Pelada. Eles removem montanhas de cascalho e consomem 22 bois gordos, abatidos diariamente em um matadouro improvisado, além de incontáveis toneladas de feijão, arroz, farinha e jabá, vendidos a preços bem razoáveis no próspero comércio estabelecido junto ao garimpo. O filé custa 300 cruzeiros o quilo; feijão e arroz não vão além de 160.

Cinco dias depois da reabertura solene do garimpo — no dia 21 — a

coordenação Federal de Serra Pelada calculava que uns 12 ou 13 mil garimpeiros autorizados já estavam de volta ao “formigueiro”, remodelado por um serviço mecanizado de terraplenagem, que moveu 400 mil metros cúbicos de cascalho e pedras e diminuiu o perigo de desmoronamentos. Porém, nessa estimativa não estão incluídos os “furões”, isto é, aqueles que não conseguiram a autorização e chegaram clandestinamente ao garimpo, depois de uma caminhada de uns 30 quilômetros, atravessando picadas na selva, longe das vistas da Polícia Federal. Com os “furões” e as levas de garimpeiros autorizados, que não param de chegar, calculava-se que até ontem mais de vinte mil pessoas já estavam no “formigueiro”.

“Isso ainda é pouco. Você se assusta com esse mundo de gente, porque não viu como estava isso no ano passado. Tinha mais de 30 mil pessoas e o serviço era muito mais pesado, porque os peões só podiam sair do buraco subindo escadas de madeira de até 70 metros de altura. Era uma loucura...” — conta o piauiense Francisco Nunes Soares,

o “Mosca Doida”, enquanto faz uma pausa para almoço às dez e meia da manhã.

ANTES DO SOL

Quando o sol nasce, o “formigueiro” já está fervilhando. Ainda no escuro, os garimpeiros levantam de suas redes — penduradas nos paus roliços de seus barracos cobertos de plástico preto ou folhas de coqueiro —, tomam seus cafés e vão logo para a grande cratera. Quando amanhece, já estão formadas as longas filas do “melexete”. É preciso aproveitar bem o começo da manhã, porque após as nove horas o sol já é insuportável. A temperatura vai além dos 35 graus, mas o trabalho só diminui o ritmo depois das 10 horas. A escavação não chega a parar, mas só reinicia o corre-corre depois das três da tarde e vai até o anoitecer.

Depois da janta e do banho, alguns ficam tocando viola ou ouvindo radinho de pilha nos barracos. A maioria vai fazer compras no comércio em uma rua comprida junto à pista de pouso. Não há bebidas alcoólicas e as conversas nos botecos são molhadas apenas com

refrigerantes. Um dos pontos mais frequentados é a Lanchonete Paraense, um grande salão feito de tábuas, revestidas com fotos de mulheres nuas tiradas de todos os tipos de revistas masculinas. Contrastando com as figuras eróticas ou ginecológicas, lá estão também pendurados três quadros emoldurados, um do papa João Paulo 2.º, outro do padre Cícero e um terceiro do presidente Figueiredo.

A noite dos garimpeiros termina com a projeção de uma antiga pornochanchada, exibida em um cinema ao ar livre que chega a reunir mais de cinco mil homens trepados pelas cercas de madeira ou espalhados pela pista de pouso. A sessão, sempre muito aplaudida e com muita torcida nas cenas de cama ou praia, termina antes das 10 horas da noite.

“A gente vai dormir moído de cansado. Não dá nem pra lembrar das boazudas do cinema”, comenta o cearense Adroaldo Bezerra.

Amanhã, a última reportagem da série sobre Serra Pelada.

As riquezas do Vale, esquecidas

JAIR BORIN

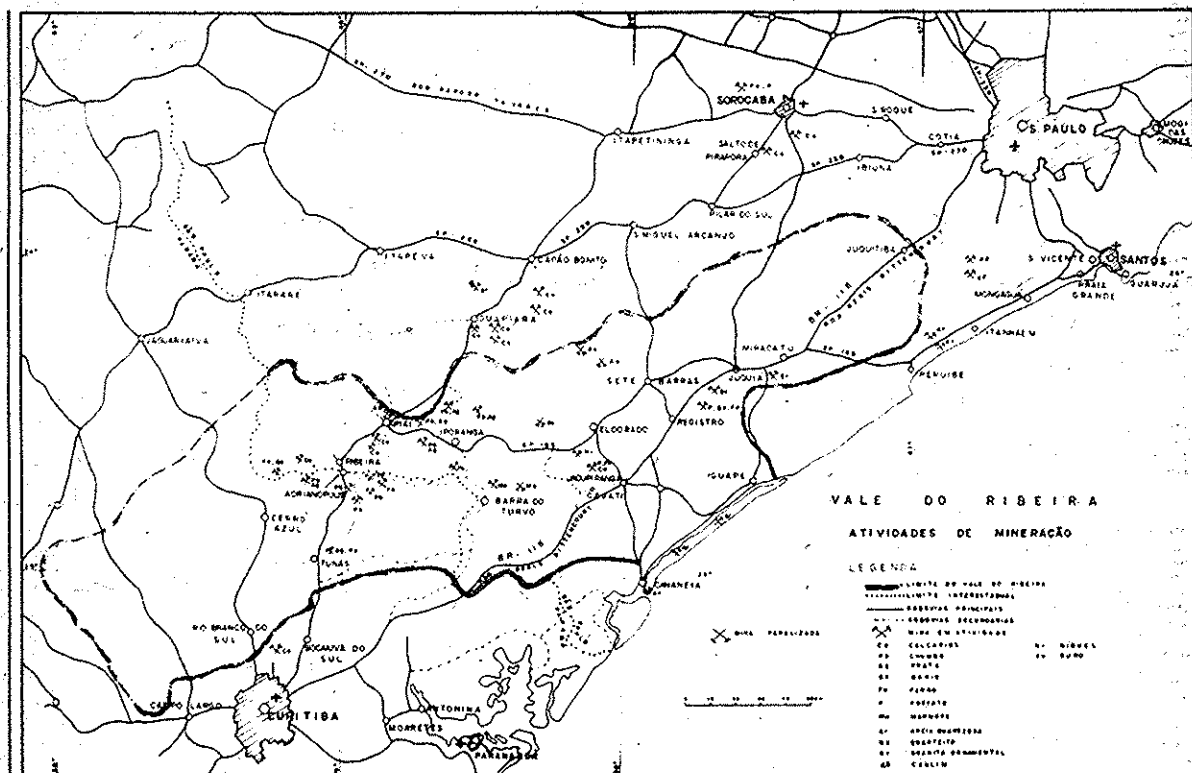
Por falta de uma política de exploração de seus recursos minerais, o Estado de São Paulo ainda continua dependendo em larga escala de minérios importados de outras regiões do País e do Exterior quando tem uma potencialidade mineral muito grande, sobretudo no Vale do Ribeira, observa o geólogo Kenro Matsui, da Geos Projetos de Mineração Ltda., que vem desenvolvendo estudos sobre a região.

Pesquisas minuciosas poderão revelar uma grande variedade de reservas minerais não-metálicas de importância, principalmente de cobre, chumbo e zinco, naquela região, cujo acesso até hoje é um dos mais precários de todo o Centro-Sul do País, apesar de sua proximidade da capital do Estado mais desenvolvido da Federação.

A reivindicação principal de prefeitos do Vale notadamente de Barra do Turvo e Iporanga é o asfaltamento da estrada de acesso de suas sedes à BR-116, com sua infraestrutura já iniciada, mas cujas obras poderão ser interrompidas pelas empreiteiras a qualquer momento, porque elas não estão sendo pagas em dia. “É preciso dar acesso para quem procura o minério e para quem se propõe a explorá-lo”, salienta Kenro Matsui, a exemplo do que o governo federal vem executando em outras áreas, onde a infraestrutura custa muito mais do que no Estado de São Paulo. Um dos fatores limitantes da pesquisa no Vale é a complexidade de seu relevo, a constância de chuvas fortes o ano todo e a densa mata que ainda recobre a região.

Ao lado dessas dificuldades, o Vale é escassamente povoado e, portanto, não atrai a atenção dos políticos que buscam melhorar áreas de maior densidade populacional, à cata de votos.

Atualmente, todo o esforço de mineração desenvolvido no Vale está a cargo de pequenas ou médias empresas, que não dispõem de capitais para investimento demorado em pesquisa e que acabam explorando apenas alguns veios menos nobres, com argilas, calcários, pedras ornamentais, granitos ou outros produtos afins. Em Barra do Turvo, a Marmor,



do engenheiro Henri Sanson, vem desenvolvendo um esforço impar para iniciar a exploração das maiores reservas do Sul do País de mármore de fina qualidade, comparável ao Carrara, da Itália. Entretanto, por falta de maior apoio, as pedreiras só agora começaram a ser exploradas, embora fossem descobertas há mais de vinte anos.

Esta pulverização de esforços pelas pequenas e médias empresas torna a atividade de mineração no Ribeira bastante insegura e pouco compensadora do ponto de vista empresarial. Para que o desenvolvimento chegue ao Vale, é preciso a criação de um sistema de escoamento da produção apoiado em estradas seguras, asfaltadas e no suporte ferroviário, que infelizmente continua paralisado na altura de Registro, pelo lado do litoral, e em Itapeva, pelo lado do Planalto.

TERRAS DEVOLUTAS

A par da prioridade número

um, que é asfaltamento das estradas que ligam os únicos municípios do Estado de São Paulo ainda sem asfalto, aos principais troncos rodoviários do País, o que os prefeitos reclamam é a definição das titulações das terras devolutas, a maior parte explorada por pequenos agricultores, com recursos próprios e sem nenhuma forma de ajuda governamental. Waldemar Gonçalves dos Reis, prefeito de Barra do Turvo, salienta: “Temos um solo bom, que chegou a produzir na safra passada 60 mil sacas de feijão, porém cerca de 90% dos agricultores não têm escrituras de suas terras, nem suporte de armazenamento para fazer com que essa produção possa ser comercializada por melhor preço. O asfaltamento dos 36 quilômetros que liga a sede de Barra do Turvo à BR-116 é, hoje, indispensável ao município, que depende dessa via de acesso não só para escoar sua produção como para atrair investimentos e

algumas indústrias interessadas na exploração de minérios.

Uma das grandes potencialidades de Barra do Turvo é a exploração das ricas jazidas de mármore ali existentes. Somente no projeto da Marmor, já foram aplicados 173 milhões de cruzeiros, da pesquisa à iniciativa de lavra e industrialização. Este projeto depende apenas da aprovação de um financiamento do Badesp para a compra de um conjunto de moinhos que permitirá o aproveitamento integral da jazida.

Ela está apta não só a fornecer um mármore de excelente qualidade para todo o Estado, como blocos para exportação e, ainda, como subproduto, calcário dolomítico, com 18% de magnésio, indispensável ao desenvolvimento da produção agrícola do Vale do Ribeira, onde a acidez do solo é elevada, afirma o engenheiro Henri Sanson, pioneiro na exploração mineral do município.



Uma pausa para o “bagerê” (comida), que para muitos é tudo que se ganha.

Súmula ECONOMIA

• Mais de 20 mil homens já chegaram ao garimpo de Serra Pelada, reaberto na semana passada, para tentar fazer fortuna fácil com o ouro. Eles esperam extrair mais seis toneladas do mineral ainda este ano. Pág. 49

• Há pouco Interesse do Estado de São Paulo em pesquisar minérios, embora seu território tenha uma potencialidade grande na área de não-ferrosos. Pág. 49

• A empresária Miriam Lee anunciou que não vai vender a Molas Sueden e que decidiu “aceitar o desafio da Ford”. Também revelou que em junho lançará um livro que, segundo ela, “vai abalar o prestígio de muita gente”. Pág. 51

• O Morumbi Shopping será inaugurado amanhã às 11 horas. É o quarto centro comercial de São Paulo e o maior do Brasil: 50.160 m² de área de lojas e um estacionamento para 3.200 carros, com uma área de lazer que inclui ringue de patinação. Pág. 54

• O ex-ministro Carlos Rischbieter, hoje na Volvo, reafirma em entrevista à “Folha” que “é preciso repensar os problemas do País, é preciso repensar o pró-

prio País”, para que se tenha uma estratégia de longo prazo. Pág. 56

• A Comunidade Econômica Europeia, embora tenha concordado em prorrogar o acordo sobre comércio de têxteis, continua inclinada a sobre taxar as exportações dos países do Terceiro Mundo, alegando recessão. Pág. 56

• Dados do próprio governo federal indicam que o processo recessivo continuou firme no primeiro trimestre de 82. O consumo de energia na região Sudeste, por exemplo, caiu 6,2% em janeiro deste ano. Pág. 54

• Na coluna O Todo e a Parte, o prof. Rogério C. Cerqueira Leite fala sobre os riscos da acumulação de dióxido de carbono na atmosfera. Pág. 50

• O deputado e advogado trabalhista Almir Fazzianotto Pinto comenta os reajustes salariais dos servidores públicos, defasados cada vez mais em relação ao custo de vida. Pág. 50

• O presidente do Conselho Federal de Psicologia, Waldecy Miranda, afirma que a Receita Federal interpreta mal a profissão. Por isso, ainda não permitiu a dedução de gastos com psicólogos no IR. Pág. 55